

O ENSINO DE LINGUAGEM E LITERATURA À LUZ DAS TEORIAS FOUCAULTIANAS

Débora do Couto Pereira¹

Dulce Mari da Silva Voss²

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo discutir o ensino de linguagem e literatura na escola de educação básica à luz das teorias de Foucault, problematizando a arbitrariedade da língua sob o ponto de vista epistemológico pós-moderno. Nesta linha, discute o ensino-aprendizagem da linguagem que, conforme a gramática normativa, instituída na modernidade, cria distintos campos de saberes denominados: morfologia (estudo das palavras), sintaxe (estudo das estruturas da língua) e semântica (atribuição de sentidos). Diante de tal fragmentação linguística, analiso a minha prática docente em sala de aula na atribuição de sentidos às palavras a partir de uma pesquisa do tipo intervenção pedagógica, usando a linha de análise foucaultiana para problematizar o ensino de linguagem e literatura. Foucault (1999) elucida que as palavras e as coisas são irreduzíveis, estão entrelaçadas, mas não que isso seja dado como absoluto, pois o entendimento dessas é posto pelo sucessivo uso arbitrário da estrutura. Por isso, entendo que a literatura é o ponto de fuga dessa imposição da sintaxe e da semântica à língua, porque permite sentidos múltiplos e singulares.

Palavras-chave: LINGUAGEM; LITERATURA; ENSINO; DOCÊNCIA

Modalidade de Participação: Pesquisador

O ENSINO DE LINGUAGEM E LITERATURA À LUZ DAS TEORIAS FOUCAULTIANAS

¹ Aluno de pós-graduação. d.coutopereira@gmail.com. Autor principal

² Docente. dulce.voss@gmail.com. Co-autor



O ENSINO DE LINGUAGEM E LITERATURA À LUZ DAS TEORIAS FOUCAULTIANAS

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir o ensino de linguagem e literatura na escola de educação básica à luz das teorias de Foucault, problematizando a arbitrariedade da língua sob o ponto de vista epistemológico pós-moderno. Nesta linha, discute o ensino-aprendizagem da linguagem que, conforme a gramática normativa, instituída na modernidade, cria distintos campos de saberes denominados: morfologia (estudo das palavras), sintaxe (estudo das estruturas da língua) e semântica (atribuição de sentidos). Diante de tal fragmentação linguística, analiso a minha prática docente em sala de aula na atribuição de sentidos às palavras a partir de uma pesquisa do tipo intervenção pedagógica, usando a linha de análise foucaultiana para problematizar o ensino de linguagem e literatura. Foucault (1999) elucida que as palavras e as coisas são irreduzíveis, estão entrelaçadas, mas não que isso seja dado como absoluto, pois o entendimento dessas é posto pelo sucessivo uso arbitrário da estrutura. Por isso, entendo que a literatura é o ponto de fuga dessa imposição da sintaxe e da semântica à língua, porque permite sentidos múltiplos e singulares.

2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo intervenção pedagógica¹, usando a linha de análise foucaultiana como meio de problematização ao ensino de linguagem e literatura na educação básica, a partir da minha própria prática docente.

¹ A importância das pesquisas aplicadas é apontada por Robson (1995), que as denomina “pesquisas no mundo real” (p. 2, tradução nossa), por serem realizadas sobre e com pessoas, fora do ambiente protegido de um laboratório. Esse autor alerta para a distância existente entre a produção acadêmica da área da Educação e seus reflexos na prática dos profissionais que trabalham nas instituições de ensino. Ele comenta que muitos docentes simplesmente repetem práticas realizadas por seus colegas, sobre as quais têm apenas informações superficiais, sem a preocupação de verificar se foram adequadamente avaliadas e que impactos, efetivamente, produzem nos estudantes. Para contrapor-se a tal problema, Robson (op. cit.) enfatiza o potencial das pesquisas aplicadas para, por exemplo, subsidiar tomadas de decisões acerca de mudanças em práticas educacionais, promover melhorias em sistemas de ensino já existentes, ou avaliar inovações. É por meio da pesquisa aplicada que, segundo esse autor, a produção acadêmica pode produzir o desejado impacto na prática.

[...] ele entende que o impacto da pesquisa sobre a prática pode ser incrementado por meio da realização de pesquisas aplicadas, especialmente aquelas nas quais os próprios professores desempenham papel de investigadores. (DAMIANI, ROCHEFORT, CASTRO, DARIZ, PINHEIRO, 2013, p. 58)

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Sou professora de “português” e, sócio-históricamente, compreendida como alguém que “mostra a luz” na escuridão da decodificação linguística, pois na minha profissão e, especificamente, na minha área de atuação, a incumbência e o esperado é que eu apresente a “fiação do prédio”, este chamado linguagem, aos alunos como forma de aprendizagem da língua portuguesa.

A metáfora mencionada acima é um modo visual hipotético que encontrei para elucidar como enxergo, em algumas vezes, minha prática. Pois quando penso em um prédio, uma construção, vem à mente as paredes erguidas e pintadas, janelas postas, um edifício pronto para morar, não considero, à primeira vista, o que há por dentro de determinada estrutura, apenas a vejo existir e presumo que sei o que a compõe e sustenta. Enfim, institucionalmente, a escola ainda enxerga a linguagem como algo possível de estar acabada, pronta, disponível à análise de sua estrutura, e, na minha visão, ao reconhecimento da “fiação do prédio”, a qual não é visível, aquilo que norteia, segura a língua, que não a deixa escapar, que a coloca na ordem, no alinhamento; a sua gramática normativa.

No presente estudo, é essa experiência que se pretende analisar. Trata-se de mostrar o que ela veio a se tornar, desde o século XVI, no meio de uma cultura como a nossa: de que maneira, refazendo, como que contra a corrente, o percurso da linguagem tal como foi falada, dos seres naturais, tais como foram percebidos e reunidos, das trocas, tais como foram praticadas, nossa cultura manifestou que havia ordem e que às modalidades dessa ordem deviam as permutas suas leis, os seres vivos sua regularidade, as palavras seu encadeamento e seu valor representativo; que modalidades de ordem foram reconhecidas, colocadas, vinculadas ao espaço e ao tempo, para formar o suporte positivo de conhecimento tais que vão dar na gramática e na filologia, na história natural e na biologia, no estudo das riquezas e na economia política. (Foucault, 1999, p.12)

Tal reconhecimento de um ordem natural deu-se, algum dia e de alguma forma, pela necessidade de categorização quanto ao que é falado e escrito, da explicação em forma quase exata dos movimentos da linguagem, pois como conceber algo sem um controle, uma rigidez em tempos de modernos, numéricos? Sim, pois a gramática normativa é fruto de uma visão exata da linguagem, o livro ao qual todos nós, professores de português, nos debruçamos para nos tornarmos “engenheiros da língua”, pois precisamos olhar para a “fiação do prédio” chamado língua portuguesa, às plantas e fórmulas da profissão.

Foucault (1999) diz que as palavras e as coisas são irredutíveis no sentido que àquilo que atribuímos às coisas nos foi dito arbitrariamente, de forma reprodutiva, a qual origem é explicada por meio filológico, ou seja, através da linha do tempo tanto da palavra quanto da coisa, entrelaçadas uma na outra para que faça sentido no mundo. Essa percepção leva-me a compreender que “todo limite não é mais talvez que um corte arbitrário num conjunto indefinidamente móvel” (FOUCAULT, 1999, p.66), pois, diante de concepções

ainda modernas de ensino-aprendizagem concebidas pela escola básica, como lidar com o movimento da linguagem sem prescrevê-la à norma?

Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. Ora, o nome próprio, nesse jogo, não passa de um artifício: permite mostrar com o dedo, quer dizer, fazer passar sub-repticiamente do espaço onde se fala para o espaço onde se olha, isto é, ajustá-los comodamente um sobre o outro como se fossem adequados. (Foucault, 1999, p.25)

Como este estudo deu-se em função da minha prática docente, na posição de professora da linguagem (sim, pois é desta forma que prefiro auto “categorizar” minha individualidade profissional), império, arbitrariamente, a busca pelo sentido nas definições morfo-sintáticas da língua quando, aos meus alunos, apresento e estabeleço relação das palavras (morfologia), estruturadas; organizadas; ordenadas (sintaxe), produzindo sentido para a finalidade de produzir comunicação. Nesse momento, a liquidez (Bauman, 2001) da linguagem solidifica a movimentação linguística e a enrijece, direcionando-a, formatando-a em moldes modernos de ensino-aprendizagem.

Diante dessa análise, acredito que a literatura é um dos muitos movimentos da linguagem onde o fascinante é justamente a sua oscilação, o seu desprender-se pós-moderno, sua multiplicidade, pensando em “Dom Quixote”, quando Foucault (1999) o singulariza como

longo grafismo magro como uma letra, acaba de escapar diretamente da fresta dos livros. Seu ser inteiro é só linguagem, texto, folhas impressas, história já transcrita. É feito de palavras entrecruzadas; é escrita errante no mundo em meio à semelhança das coisas. (Foucault, 1999, p.62).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise, o problema que se formula é o das relações do pensamento com a cultura: como sucede que um pensamento tenha um lugar no espaço do mundo, que aí encontre como que uma origem, e que não cesse, aqui e ali, de começar sempre de novo? (Foucault, 1999, p.67;68).

Acredito que as dificuldades do mundo moderno estejam nesse ponto, o de “começar de novo”, perder o controle, a exatidão, o ordenamento, refletidos na concepção da escola básica do que seja ensinar, aprender, crescer, amadurecer linguisticamente para a vida; há que se ter uma regra para que se tenha norte. O temor que fundamenta o limitar do pensamento é cultural, instituído arbitrariamente pela história da constituição das coisas, naturalmente, sem pensar sobre como se deu. E é justamente isso que deve ser amadurecido na prática docente, a capacidade de olhar com outros olhos para o que se está

pensando; fazendo, questionar-se enquanto educador, crescer naquilo que fala e faz; “literaturar-se”!

5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt, Modernidade Líquida / Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258p.

FOUCAULT, Michel, As palavras e as coisas : uma arqueologia das ciências humanas / Michel Foucault ; tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo : Martins Fontes, 1999. 422p.

DAMIANI, Magda F., ROCHEFORT Renato S., CASTRO, Rafael F. de, DARIZ, Marion R., PINHEIRO, Sílvia S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. Cadernos de Educação, n.45, p. 57-67, 2013.